

TRABALHO PEDAGÓGICO EM LEITO HOSPITALAR: O OLHAR DAS CRIANÇAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO

PEDAGOGICAL WORK IN HOSPITAL LAY: THE LOOK OF CHILDREN IN ONCOLOGICAL TREATMENT.

Jayne Soares de Oliveira¹

Everson Ney Hüttner Castro²

RESUMO: O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a importância da necessidade do trabalho pedagógico hospitalar para crianças em tratamento oncológico e que se encontram em uma casa de apoio. Os objetivos específicos foram: relatar como a legislação brasileira trata a pedagogia hospitalar, identificar quais os cuidados necessários que o profissional precisa ter para a realização do trabalho pedagógico em leito hospitalar, descrever a percepção das crianças diante da necessidade do trabalho pedagógico realizado em ambiente hospitalar e verificar relações percebidas pelas crianças entre trabalho pedagógico de âmbito hospitalar e o processo de ensino-aprendizagem efetivado na escola. O presente artigo apresenta não só o conceito da pedagogia hospitalar, como a sua importância para a educação, e tem como principais autores COSTA (2008), MENEZES (2004) e OLIVEIRA (2012). Para tal, foi utilizada uma pesquisa de campo com característica exploratória, onde visa a descoberta. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada por priorizar a espontaneidade. Ao concluir, ficou clara a importância do acompanhamento pedagógico em leito hospitalar na vida dessas crianças que encontram-se hospitalizados ou em tratamento. Não só pedagogicamente, como também, psicologicamente. Pois, essas crianças sentem falta não só das aulas, como também do relacionamento com os colegas e professoras e a rotina diária escolar e através da pedagogia hospitalar essa realidade poderia parecer mais próxima a elas novamente.

PALAVRAS CHAVE: Pedagogia Hospitalar. Educação Especial. Educação Inclusiva.

ABSTRACT: The present study has as main objective to analyze the importance of the need of the hospital pedagogical work for children in cancer treatment and who are in a support house. The specific objectives were: to describe how the Brazilian legislation treats hospital pedagogy, to identify the necessary care that the professional needs to have to perform the pedagogical work in hospital beds, to describe the children's perception of the need for pedagogical work carried out in a hospital environment and to verify relationships perceived by children between pedagogical work of hospital scope and the teaching-learning process

¹ Graduada em Pedagogia. jaayne.s@hotmail.com

² Graduado em Pedagogia. Especialista em Fundamentos da Educação. everson.castro@hotmail.com

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

carried out in the school. The present article presents not only the concept of hospital pedagogy, but also its importance for education. Its main authors are COSTA (2008), MENEZES (2004) and OLIVEIRA (2012). For that, a field research with exploratory characteristic was used, where it aims the discovery. Data were collected through a semistructured interview for prioritizing spontaneity. In conclusion, it was clear the importance of the pedagogical accompaniment in hospital bed in the life of these children who are hospitalized or in treatment. Not only pedagogically, but also psychologically. For these children miss not only the lessons, but also the relationship with their colleagues and teachers and the daily school routine and through the hospital pedagogy that reality could seem closer to them again.

KEYWORDS: Hospital Pedagogy. Special Education. Inclusive Education.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho que tem como tema “Trabalho pedagógico em leito hospitalar: o olhar das crianças em tratamento oncológico” originou-se através de discussões feitas em sala de aula sobre educação especial e inclusão, partindo daí o interesse pelo tema proposto.

Verificou-se, então, que assuntos relacionados à pedagogia hospitalar não são, ainda hoje, muito discutidos. O que deveria ser diferente, pois muitas crianças estão hospitalizadas e necessitam de um trabalho pedagógico de qualidade a fim de viabilizar o seu retorno para a sala de aula regular.

Estabeleceu-se como problema: Qual a importância do trabalho pedagógico em classe hospitalar para crianças da área oncológica que se encontram em uma casa de apoio? A partir desse questionamento buscou-se o referencial sobre a visão dessas crianças diante da pedagogia hospitalar e a necessidade desse apoio pedagógico no período de internação.

Além do problema, estabeleceram-se as seguintes questões norteadoras: Como a legislação brasileira aborda o trabalho pedagógico hospitalar?; quais os cuidados necessários que o profissional, em leito hospitalar, deve ter para realizar o trabalho pedagógico?; como as crianças percebem o trabalho pedagógico dentro do hospital? e que relações as crianças percebem entre o trabalho pedagógico realizado no hospital e o processo de ensino-aprendizagem efetivado na escola regular?

Apesar de entendermos enquanto pesquisadores ser de suma importância, a pedagogia hospitalar ainda não se faz presente na região carbonífera de Criciúma/SC e, enquanto isso

acontecer, crianças de muitas cidades não terão a oportunidade de dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem realizado pela escola enquanto estiverem afastadas para tratamento hospitalar.

No curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) existem apenas dois trabalhos de conclusão de curso com assuntos relacionados, que são: “A escola na ótica de crianças de séries iniciais do ensino fundamental que se encontra em leito hospitalar da área de oncologia” realizado pela acadêmica Elzira Carla de Oliveira da Cunha Frota, no ano de 2011 e “Possibilidades e dificuldades de uma pedagoga em atendimento escolar hospitalar”, que foi realizado pela acadêmica Lara Dall’Asen no ano de 2010. Ambos estão relacionados a este tema, porém com problemáticas diferentes, o que confere o caráter inovador a esta proposta de investigação.

2 PEDAGOGIA HOSPITALAR

A pedagogia hospitalar é o processo de ensino-aprendizagem que dá continuidade ao ensino escolar regular para jovens e crianças que se encontram hospitalizados em decorrência das mais diversas enfermidades.

De acordo com o Artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 “todos são iguais perante a lei” e a educação é um direito social previsto no Artigo 6º e referenciado no Artigo 205 da referida normativa.

Mas não basta ter acesso a educação, o texto constitucional ainda garante igualdade de condições de permanência a todos os estudantes na escola (Artigo 206, Inciso I), bem como a obrigação do Estado em garantir “atendimento educacional especializado” (Inciso III, Artigo 208) e “atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de (...) assistência à saúde (Inciso VII, Artigo 208).

Sendo assim, as crianças que ficam afastadas por motivos de saúde e precisam fazer tratamentos de longos períodos, também tem esse direito. O aluno que, por diferentes motivos, precisar se afastar do ensino regular para fazer tratamento médico ou ser internado em um hospital, tem todo o direito de ter acesso a uma educação de qualidade mesmo distante de uma instituição escolar.

Portanto, a legislação brasileira estabelece o direito das crianças e jovens em tratamento médico prolongado ou hospitalizados a dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem estabelecido no ambiente escolar. E é esse o objetivo da pedagogia hospitalar, fornecer o atendimento pedagógico-educacional a esses pacientes que não podem frequentar o ensino regular normalmente. Nesse sentido,

A legislação brasileira reconhece tal direito através da Lei n. 1.044/69, da Lei n. 6.202/75, da Lei n 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente, da Resolução n. 41/95 do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, da Lei n. 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, da Resolução n. 02/01 do Conselho Nacional de Educação. A esta modalidade de atendimento educacional denomina-se Classe Hospitalar, que segundo a Política Nacional de Educação Especial, publicada pelo MEC – Ministério da Educação e da Cultura, em Brasília, em 1994, visa ao atendimento pedagógico às crianças e adolescentes que, devido às condições especiais de saúde, encontram-se hospitalizados. (COSTA, 2008.)

Para tanto, os educadores devem estar preparados para estarem presentes não só nas escolas, como também em hospitais, a fim de possibilitar aos pacientes que estão em processo de ensino-aprendizagem, o acesso a educação mesmo estando afastado da escola, pois a educação é um direito de todos e cabe a todos nós dar prioridade ao acesso com condições de permanência na educação básica.

Para obter sucesso no processo de ensino-aprendizagem para o aluno de classe hospitalar é necessário que Educação e Saúde estejam em comum acordo, onde a prioridade seja o ensino e o bem-estar dessa criança. Oliveira (2012) diz que a Escola, Saúde e a Ação Social “devem caminhar juntas, no propósito de oferecer alternativas que viabilizem a continuidade dos estudos dessas crianças, até que estejam aptos a retornarem à escola”.

A pedagogia hospitalar contribui de maneira expressiva no desenvolvimento emocional, educacional e social dessas crianças, pois além de proporcionar uma educação de qualidade para educandos que se encontram afastados da escola regular para tratamento médico ou em ambiente hospitalar em períodos de internação com uma saúde mais debilitada, também faz com que esses jovens e crianças sintam-se mais próximos a sua realidade da escola regular e seus professores.

Neste sentido,

Acreditamos que uma pessoa, principalmente quando pensamos em crianças e adolescentes hospitalizados, quando de alguma forma, são motivados a realizar atividades educacionais de seu interesse: ouvir e contar histórias, desenhar, pesquisar, cantar ou mesmo seguir algum currículo escolar e realizar tarefas, num ambiente que, embora hostil, se aproxime ao máximo com a realidade que outrora vivera, certamente será um paciente com melhor aceitação do tratamento ao qual está sendo submetido (OLIVEIRA, 2012, p.3).

A pedagogia hospitalar vem aos poucos conquistando o seu espaço e está sendo cada vez mais presente em hospitais, com o objetivo de proporcionar um atendimento pedagógico para estudantes que se encontram hospitalizados ou em tratamentos e não podem frequentar o ensino regular, trazendo sempre à tona em suas práticas a ludicidade. Dessa forma, segundo Fernandes (2017, p. 34) “No tratamento oncológico infantil, atividades lúdicas, proporcionam prazer e alegria para as crianças e adolescentes internados, ajudando no seu bem estar e também no desenvolvimento da realização”.

A parceria Ministério da Educação e Ministério da Saúde tem o intuito de proporcionar a continuidade do ensino regular no âmbito hospitalar, tendo em vista que, atualmente, o ensino se propõe sob diversas metodologias, seja pela utilização da tecnologia, ou dos mais diversos tipos de textos impressos, ou jogos e recursos didáticos concretos. Portanto, a pedagogia hospitalar tornou-se um campo em ascensão. O importante é que, com todos esses meios, seja possível que se dê continuidade ao ensino regular a todos os estudantes, mesmo que não possam frequentar regularmente uma instituição escolar.

Porém, diferentemente do ensino regular, na classe hospitalar, propiciar o ensino pedagógico é só um dos fatores a ser atribuído a essas crianças que ali se encontram. No ensino regular o professor deve sim preocupar-se com o bem estar de seus alunos, mas na classe hospitalar isso deve tornar-se mais expressivo. Um aluno que frequentava o ensino regular normalmente, ao deparar-se hospitalizado, tem grandes chances de sofrer por estar longe de sua realidade. O professor hospitalar tem papel fundamental, pois, além do ensinar, deve acolher e motivar esses pacientes ajudando-os até mesmo na melhora de seu quadro clínico. (MENEZES, 2004, p. 42).

Infelizmente, a pedagogia hospitalar por ser uma área ainda pouco conhecida, carece de profissionais capacitados a esse público alvo. Um profissional da educação, sabendo da variedade de público a ser atingido, deve refletir sobre seu papel na sociedade, uma vez que há a possibilidade de atuação em outras áreas que não as escolares de ensino regular.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

As crianças que estão todos os dias frequentando hospitais e que, muitas vezes nem vão para casa, precisam dar continuidade a educação escolar regular, já que o acesso e a permanência do estudante em sala de aula é um direito garantido na Constituição Federal em seus Artigos 6º, 205 e 206 – Inciso I (BRASIL, 1988).

Os educadores que tem o interesse por trabalhar na área da pedagogia hospitalar, antes de tudo, devem se especializar. Na graduação de pedagogia não nos habilitamos para lidar com esse público e é nosso dever buscar conhecimento a fim de capacitar-nos e estar a altura desta atividade em um setor tão delicado (MENEZES, 2004).

Portanto, é necessário dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem que já vinha sendo exercido antes da criança ser hospitalizada e ficar afastada do ambiente escolar, pois só assim o trabalho realizado nas escolas com os alunos que encontram-se em tratamento ou internados nos hospitais terá o resultado esperado.

3 FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

A educação formal está cada vez mais presente em diversos meios, e não só nas escolas. Com a atual matriz curricular incentivada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), ao concluir a graduação em pedagogia o estudante poderá estar habilitado para lecionar nas áreas de Educação Infantil, Séries Iniciais, Educação de Jovens e Adultos, Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Gestão Escolar. Entretanto, para atender ao público de estudantes em tratamento prolongado ou internado em hospitais é necessária especialização para se capacitar na área da Educação Especial, especificamente na pedagogia hospitalar.

Tratando-se da pedagogia hospitalar, cabe às universidades repensarem sobre suas grades curriculares a fim de proporcionar aos seus acadêmicos uma formação mais completa e que o permita atuar em outras áreas para atuação.

O objetivo de um pedagogo é contribuir com a educação nas escolas, possibilitando aos alunos terem acesso às informações que irão produzir o conhecimento, pois não serão os professores que irão produzir esses conhecimentos e sim os alunos, através da mediação desses profissionais.

Na ação pedagógica voltada aos hospitais, é necessário além do pedagogo habilitado para trabalhar nessa área, outros profissionais que tem papel fundamental nesse processo. Oliveira (2012) afirma isso quando diz: “Na ação pedagógica de uma classe hospitalar, necessitaremos de um Professor Coordenador, [...] que coordenará a referida proposta pedagógica em classe hospitalar ou em atendimento domiciliar. ” Além desse professor coordenador, também é indicado que tenha algum profissional para dar assistência, não só nos momentos de ensino, como também de higiene e alimentação.

O atendimento domiciliar feito pelo pedagogo especializado também é de extrema importância. Muitas crianças saem dos hospitais para fazer tratamento em casa (algumas vezes por indicação médica e outras por preferência familiar). Mas, ainda assim a criança não voltará as suas atividades normais na escola, por isso, ela ainda irá precisar do apoio pedagógico domiciliar.

Para realizar o trabalho em hospital ou a domicílio, o profissional de educação precisa saber que:

É de extrema necessidade que esse profissional conheça a dinâmica e o funcionamento dessas modalidades, conheça a rotina das enfermarias ou dos serviços ambulatoriais e das estruturas de assistência social. Também compete ao Professor Coordenador articular-se com a equipe de saúde e administrativa do hospital, com a Secretaria de Educação e com a escola de origem dos educandos que estão sendo beneficiados pelo serviço, assim como orientar o trabalho dos professores. (OLIVEIRA, 2012, p. 10).

Ainda conforme o autor, um professor em ambiente hospitalar precisa ter formação acadêmica em Pedagogia, e, de preferência, especialização em Educação Especial e Inclusiva. Mas, sabe-se que a formação é apenas o início para desenvolver esse trabalho, é preciso muito esforço e dedicação para desenvolvê-lo com competência. Esse profissional precisa estudar além dos conteúdos, mas estudar também o seu aluno, sua rotina, seus gostos e vivências.

Portando, é nosso dever e nossa responsabilidade ter a compreensão da importância desse profissional capacitado, pois é uma área que vai além do ensinar. Além disso, geralmente, nas classes hospitalares, o professor conta também com o apoio de auxiliares. E são todos esses fatores que farão com que o espaço seja cada vez mais próximo à escola, pois, por mais que seja um ambiente distinto, a educação pode acontecer em muitos espaços, basta ter as condições necessárias.

4 EDUCAÇÃO E SAÚDE NO AMBIENTE HOSPITALAR

O HIJG (Hospital Infantil Joana de Gusmão) localiza-se na cidade de Florianópolis/SC e conta com o atendimento pedagógico hospitalar. Atualmente, essa é a instituição hospitalar mais próxima de Criciúma/SC que tem atendimento pedagógico em classe hospitalar e apresenta em seu site online orientações para o trabalho pedagógico pautadas na ludicidade e recreação para realização dos estudos em salas de aula, pois acredita que isso ajuda a harmonizar o ambiente e melhorar a autoestima dos alunos. Esse hospital oferece esse atendimento através de pedagogas, professoras, recreadoras e estagiárias (HOSPITAL INFANTIL, 2017).

As salas de atendimento pedagógico hospitalar devem ser constituídas como ambientes educativos que possibilitem realizar diferentes atividades de forma lúdica e criativa, assim como oferecer atividades ao ar livre, mas sempre priorizando a saúde do aluno/paciente e isso varia de acordo com o seu quadro clínico (HOSPITAL INFANTIL, 2017).

As atividades lúdicas ganham cada vez mais espaço no meio hospitalar, pois funciona como um local de socialização onde as crianças tem a possibilidade de interagir a partir de atividades que envolvem a música, jogos, brinquedos, brincadeiras, artes, leituras, entre outros. Além disso, as datas comemorativas devem ser trabalhadas e incentivadas para proporcionar aos pacientes outros tipos de vivências (HOSPITAL INFANTIL, 2017).

Nesse sentido,

O Objetivo do trabalho lúdico envolve através de uma série de movimentos inerentes ao brincar ou introduzidos de forma proposital, restabelecer o fluxo normal de energia no corpo da criança antes que a tensão se transforme em couraça, facilitando seu processo de desenvolvimento físico e emocional, propiciando um aumento de autoestima e autoaceitação. Neste processo de acompanhamento o acolhimento, escuta e a instrumentalização aos pais é fundamental para o sucesso do movimento terapêutico. (FERNANDES, 2017, p. 21)

O atendimento pedagógico na classe hospitalar do HIJG funciona como uma extensão da escola para o aluno e paciente que está afastado por motivo de doença. Por isso, deve prestar total atendimento e apoio a fim de mantê-lo mais próximo a realidade escolar.

Entretanto, os profissionais que lidam com jovens e crianças hospitalizadas devem, antes de tudo, aprender a lidar com a realidade do seu público alvo. Primeiramente que, nem todos os dias, esses pacientes poderão ter contato com o profissional pedagogo por questões de saúde. Nesse caso, o andamento do processo de ensino-aprendizagem dependerá do grau do estado clínico desses pacientes (OLIVEIRA, 2012).

O HIJG também reforça que, para o profissional ter contato direto com as crianças, são necessários e obrigatórios diversos cuidados com a higiene, tanto do profissional como do material utilizado, a fim de prevenir e zelar pela saúde e bem-estar dos pacientes.

Oliveira ainda destaca que (2012, p. 8)

Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas dentro de um hospital, não difere muito das muitas salas de aula espalhadas pelo Brasil a fora. Apenas alguns cuidados, principalmente com relação a higiene, como a instalação de uma bancada com uma pia equipada com sabão líquido e papel toalha, instalações sanitárias próprias, completas e devidamente adaptadas, além de mobílias adequadas e um espaço ao ar livre para atividades físicas e ludo-pedagógicas, são recomendados.

Lembrando que os pacientes que não tiverem condições de frequentar esses espaços terão o mesmo direito de receber o trabalho pedagógico através do pedagogo hospitalar, não importa onde estejam, seja na enfermaria, no leito ou num quarto isolado. Mas, em outros casos, o próprio hospital pode sugerir uma sala para que aconteça o atendimento educacional para essas crianças (OLIVEIRA, 2012).

Segundo Hospital Infantil (2017), o profissional que lidar com essas crianças precisa ir além do ensino-pedagógico, nesses casos é essencial o contato do professor com a equipe médica, a fim de compreender o seu quadro clínico, suas condições e suas dificuldades que também se manifestarão no processo de ensino-aprendizagem. Isso também irá contribuir para que o professor faça atividades que o aluno consiga desenvolver dentro de sua realidade.

Para o atendimento escolar hospitalar, Hospital Infantil (2017) orienta o professor a realizar planejamentos mensais e semanais para trabalhar com seus alunos, registrar todos os progressos e dificuldades e sempre manter contato com a escola regular que esse aluno frequentava, pois isso irá facilitar o seu retorno após o período de internação.

Ainda sobre o espaço físico em que acontece esse procedimento pedagógico, as salas, além de equipadas e adaptadas a esse público, também devem ser muito coloridas e aconchegantes, pois tudo o que lembrar ao espaço escolar fará com que a criança se sinta mais à vontade (OLIVEIRA, 2012).

Costa (2008) lembra que a prática pedagógica deverá estar sempre voltada à realidade do estudante e suas necessidades. Muitas vezes o planejamento pode ser formal, e outras mais informais, isso irá se adaptar de acordo com o aluno e sua necessidade momentânea, pensando sempre em seu bem-estar.

Oliveira (2012, p. 9) afirma que, "além da prática pedagógica, é extremamente necessário e exigido que os recursos humanos estejam voltados totalmente ao interesse dos alunos, dedicando-se não só a ensiná-los, como também a motivá-los". É por isso que Oliveira (2012) afirma que a prática pedagógica deve ser, "por vezes formal, sistemática, seguindo currículos, em outros momentos de maneira assistemática, informal, a classe hospitalar objetiva em primeira instância o bem-estar e a motivação do paciente/aluno."

Além do desenvolvimento do trabalho pedagógico em leito hospitalar, das atividades lúdicas, do espaço físico, também é muito importante, e faz toda a diferença nesse processo, a composição da equipe. Onde não há apenas professores, como também psicólogos, médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, e todos os outros profissionais que juntos irão fazer a diferença no tratamento da criança que se encontra naquela situação.

5 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Tendo em vista os objetivos a serem alcançados e as questões a serem discutidas e respondidas, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo. Uma pesquisa na abordagem qualitativa acontece da seguinte forma:

Algumas características básicas identificam os estudos denominados "qualitativos". Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p.2).

É um estudo do tipo exploratório porque visa a descoberta. Esse tipo de estudo tende a aproximar o pesquisador do entrevistado, pois:

São investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos. [...] Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo, etc. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 171).

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, que se caracteriza por sua espontaneidade. Dessa forma, esse tipo de entrevista possui algumas vantagens, pois existe a possibilidade de surgir novas indagações no meio do formulário pré-estabelecido. Mas, ainda assim, é necessário esse roteiro/formulário. Pois, só assim, ao final das entrevistas, poderá ser feito um comparativo entre as respostas obtidas. O roteiro da entrevista foi composto por 11 questões pré-definidas, mas flexível de acordo com as respostas dos entrevistados. A seleção dos entrevistados deu-se por meio de seu quadro clínico, sua disponibilidade e autorização dos responsáveis legais para participar desta investigação e faixa etária entre 6 e 8 anos de idade. Aos responsáveis pelos pesquisados foi encaminhado termo de consentimento escrito para autorizar a participação das crianças nesta investigação onde se garantia o sigilo dos informantes, motivo pelo qual se utilizou a referência "entrevistado" e números para identificá-los.

Os participantes desta investigação encontravam-se em uma casa de apoio, à qual também foi encaminhado termo de consentimento escrito para autorizar a realização da coleta de dados em seu espaço. A referida instituição localiza-se na cidade de Criciúma – SC e tem como objetivo acolher jovens e crianças em tratamentos de câncer e/ou outras doenças. Essa instituição busca oferecer um apoio humanizado não só aos jovens e crianças em tratamento, como também as suas famílias.

A coleta de dados teve duração de 3 dias em período matutino, pois eram os horários em que as crianças estavam disponíveis, já que as consultas e tratamentos quimioterápicos eram realizados no período vespertino. Foram entrevistadas 4 crianças, sendo elas com idades entre 6, 7 e 8 anos, duas delas do sexo masculino e duas do sexo feminino.

Entre as perguntas feitas aos entrevistados, 3 em 4 crianças não sabiam responder as questões relacionadas ao seu tratamento. Essas questões eram baseadas no tempo de tratamento, motivo do tratamento e se já haviam feitos outros tratamentos antes. Entre os entrevistados apenas um conseguiu ser mais claro diante o seu diagnóstico, que foi o entrevistado 2. Sobre seu tratamento ele afirma que:

Eu escutei a minha mãe conversando que a água do esgoto que está “dando” doenças e bactérias. E todo mundo brinca e acha que é “bobiça”, mas isso não é “bobiça” não, é de verdade. Eu não gosto mais de comer doçuras, e agora tenho uma alimentação mais saudável. Quando a gente descobriu essa doença foi por causa da minha forte dor de cabeça, muita gripe e tosse.

Ficou clara a dificuldade dos pais e/ou responsáveis em esclarecer para as crianças o seu diagnóstico, ou por mais difícil que seja, explicar o motivo de estar ali fazendo o tratamento e tendo que ficar longe da escola.

Em outro momento, ao serem questionadas sobre aquilo que mais sentiam falta da escola, as respostas foram unânimes: dos colegas, professores, das aulas e das atividades. Situações tão simples do cotidiano de muitas crianças, mas que para essas crianças fazem muita falta. Nesse questionamento, um dos entrevistados chamou atenção com sua resposta, novamente o entrevistado 2, ao dizer que "não sentia falta dos colegas da sua escola" e o motivo disso acontecer: “Eu vejo meus colegas as vezes, mas não gosto de estudar com eles. Eu não quero estudar sozinho, mas é que eles fazem muito barulho e me zoam.” Infelizmente isso é muito comum acontecer, tanto entre as crianças como entre os jovens e adultos também. Muitas vezes o câncer ainda é motivo de piada, seja pelo medo e/ou desconhecimento desta situação. Este fato nos reporta ao ambiente escolar e nos faz questionar se a escola está trabalhando de forma clara a questão da inclusão e respeito às diversidades dos estudantes.

Nas situações relacionadas ao bullying devido a doença e suas reações físicas e/ou psicológicas, Menezes (2004, p. 40) diz que:

A Pedagogia Hospitalar pode contribuir para a manutenção da reação orgânica desejável do indivíduo, pois atua reforçando indiretamente a sua autoestima ao conferir-lhe possibilidade de continuidade de desenvolvimento de capacidades cognitivas, psicomotoras, bem como lhe restituir um espaço de convivência social do qual é abruptamente afastado.

Entre todos os entrevistados, a única criança que tem um acompanhamento pedagógico em casa é o entrevistado 2, mas que, devido ao forte tratamento que vem fazendo, está cada dia mais difícil de conseguir ter as aulas itinerantes.

Embora a educação seja um direito de todos independente da situação em que se encontra, como prevê a Lei n. 1.044/69, a Lei n. 6.202/75, a Lei n. 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente, a Resolução n. 41/95 do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, a Lei n. 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Resolução n. 02/01 do Conselho Nacional de Educação, muitas crianças ainda continuam sem um acompanhamento escolar domiciliar ou hospitalar. Provavelmente por falta de conhecimento das famílias a respeito direito, mas cabe às instituições hospitalares e de acolhimento, não só acolher esses pacientes e seus familiares, como também orientá-los e assessorá-los na busca da efetivação das determinações legais.

Finalizamos a entrevista conversando sobre a possibilidade de ter professores participando ativamente nesses processos de internações e tratamentos, tanto na casa de apoio quanto nos hospitais, a fim de dar continuidade aos estudos realizados na escola formal. Percebeu-se nas poucas palavras das crianças a vontade de que isso fosse verdade e pudesse aproximá-los um pouco mais da sua outra realidade na escola. O entrevistado 2, mais uma vez, completou nosso diálogo com o seguinte pensamento: aqui "seria legal ter uma professora. Eu gosto de falar com as professoras e fazer atividades de matemática. [...] No hospital não, quando eu vou lá fico cansado e enjoado". Já, o entrevistado 3 respondeu que gostaria de ter um professor na casa de apoio, mas ao ser questionado sobre um professor dentro do hospital, respondeu: "Eu faço "quimio", eu fico enjoada e aí não posso estudar, eu fico ruim." Os outros dois entrevistados, o número 1 e 4, consideram importante a participação do professor tanto na casa de apoio quanto nos hospitais.

Nesse sentido, é fundamental a observação do professor, Oliveira diz (2012, p. 6) ao afirmar que:

No tratamento as pessoas hospitalizadas e internadas por longos períodos para tratamento de saúde, os mesmos aspectos de assistência integral devem ser respeitados e atendidos, dado que a experiência de adoecimento, o sofrimento físico e mental ao qual o paciente é submetido, implica em restrições à própria autonomia, às suas expectativas de vida, projetos.

Isso nos mostra o quanto é importante o profissional que lidar com essas crianças ter a Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

consciência de suas fragilidades nesse período que é tão difícil, buscando sempre o melhor para as crianças, compreendendo suas dificuldades e motivando-os.

5 CONCLUSÃO

Inicialmente, o objetivo desta pesquisa era ser realizada em uma instituição hospitalar que ofertasse o atendimento pedagógico em leito hospitalar, entrevistando as crianças da área oncológica para identificar as suas percepções diante o trabalho pedagógico realizado em um hospital por profissionais da área de educação. Porém, o curto espaço de tempo para realização da investigação, a distância e a necessidade de pernoites se tornaram incompatíveis coma atividade laboral exercida pela pesquisadora, dificultando a sua realização e fazendo com que ocorressem mudanças nas intenções iniciais. Por isso, para não fugir da área da pedagogia hospitalar, foi alterada a problemática da investigação e o local de sua realização, passando-se a realizar a coleta de dados com crianças de uma casa de apoio localizada na cidade de Criciúma – SC.

O principal objetivo, que era analisar a importância do trabalho pedagógico na visão das crianças que encontravam-se em tratamento oncológico, foi alcançado. Pode-se perceber a diferença que isso faria na vida dessas crianças, não só didaticamente, como também psicologicamente e emocionalmente. Pois, além da falta das aulas e dos professores, as crianças sentem muita falta da rotina diária, dos colegas e das brincadeiras. E se realizassem esse trabalho com essas crianças certamente tudo seria diferente e melhor.

No decorrer da pesquisa foram encontradas algumas dificuldades no caminho, como o deslocamento para a realização da coleta dos dados, a disponibilidade de crianças que poderiam ser entrevistadas e a timidez das crianças durante a entrevista. Mas, ainda assim, em poucas palavras, todas as crianças surpreenderam com seu jeito de ser e ver a vida.

Desde o início da faculdade sonhava em atuar na área da pedagogia hospitalar, e mesmo ainda parecendo algo distante, pretendo dar continuidade a esse sonho através de especializações, buscando destaque e oportunidades. A vontade de seguir essa carreira continuou ainda mais forte após essa pesquisa, pois reforçou ainda mais a importância do pedagogo hospitalar e o quanto sua participação contribuiria na vida dessas crianças hospitalizadas ou em tratamento médico.

Inicialmente existia apenas o interesse pela área, e agora, além disso, existe também compreensão e conhecimento para poder dedicar-se a isso. Esse artigo será, também, publicado na revista do curso de pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), disponibilizando a leitura a todos os interessados pelo tema proposto.

Por ser um tema tão amplo e pela pesquisa ter de ser objetiva e específica, muitas questões ainda ficaram por descobrir, questões essas que podem tornar-se novas pesquisas futuramente, como por exemplo: o direito educacional da criança hospitalizada, a posição dos pais e responsáveis frente ao trabalho pedagógico em leito hospitalar, entre outros.

Fica como sugestão ao departamento de pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), a realização de estágio obrigatório e não-obrigatório dentro de hospitais e/ou casas de apoio, com o intuito de dar mais visibilidade a área da pedagogia hospitalar. E também oferecer cursos de extensão ou atividades que possibilitem o acúmulo de horas complementares ao acadêmico, motivando-o a conhecer e experimentar a área de atuação da pedagogia hospitalar.

Cada criança que tive o prazer de conhecer deixou sua marca em meu coração. Eu pensava que trabalhar com essas crianças poderia se tornar algo difícil por ver tantas situações tristes, mas a força de vontade e a pureza dessas crianças só provam o quanto elas são maduras e lidam com o câncer de uma forma tão pura que parece inacreditável. Talvez o que eu tenha aprendido com essa pesquisa, muitas pessoas não aprendam durante uma vida inteira.

6 REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

COSTA, Cíntia Aparecida Francisco da. **Pedagogia Hospitalar**. Webartigos. 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/pedagogia-hospitalar/11289/> . Acessado em 24 de maio de 2017.

FERNANDES, Fernanda de Souza. **Trabalhos lúdicos em oncopediatria e psicologia da saúde hospitalar**: Uma revisão sob o olhar da psicologia corporal reichiana. Araraquara, 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa:** Tipos fundamentais. São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>, acessado em 03 de março de 2017.

HOSPITAL INFANTIL Joana de Gusmão. **Pedagogia Hospitalar.** Florianópolis/SC, 2017. Disponível em <http://www.hijg.saude.sc.gov.br/index.php/pedagogia>, acessado em 20 de outubro de 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2010. 297 páginas.

MENEZES, Cinthya Vernizi Adachi de. **A necessidade da formação do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar:** Um estudo de caso em enfermarias pediátricas do hospital de clínicas da UFPR. Repositório UFSC, Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://migre.me/wolk6>, acessado em 03 de março de 2017.

OLIVEIRA, Jucélia Brasil Gomes de. **Classe hospitalar:** Um espaço de construção do conhecimento e inclusão da pessoa hospitalizada. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão – SE/Brasil, 20 a 22 de setembro de 2012. **Anais.** São Cristóvão, 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_11/PDF/40.pdf>, acessado em 09 de março de 2017.